

Entrevista de emprego na Educação de Pessoas Jovens e Adultas: contribuições de Marcuschi para refletir sobre o gênero oral na prática docente

Job interview in the education of young people and adults: Marcuschi's contributions to reflect on the oral genre in teaching practice

Fabrini Katrine da Silva Bilro¹

Universidade Federal da Paraíba

fabrini.bilro@academico.ufpb.br

<https://orcid.org/0000-0001-9598-3908>

Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa²

Universidade Federal de Pernambuco

maria.ffbarbosa@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0003-1331-5039>

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel³

Universidade de Pernambuco

debora.amorim@upe.br

<https://orcid.org/0000-0002-6408-1626>

Resumo: Quais contribuições de Marcuschi podem ser observadas quando docentes tratam com o gênero textual oral? Essa inquietação move este artigo, que se comprometeu em analisar como duas professoras, em atuação na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), planejam/vivenciam o ensino do gênero entrevista de emprego. Com vistas a atingir o objetivo, realizamos uma conversa/partilha em um

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e Professora Adjunta do Departamento de Metodologia da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e Professora Associada IV do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e Professora Livre Docente da Universidade de Pernambuco, em atuação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Pernambuco.

ambiente virtual e, a partir da gravação, destacamos extratos de fala que nos ajudassem a entender, de modo qualitativo, as contribuições teóricas defendidas pelo autor em tela. Os resultados evidenciaram a presença de Marcuschi, sobretudo, na compreensão que as professoras revelam em relação aos elementos constitutivos do gênero e sua função social. Além disso, há uma atenção no trabalho com o gênero para as particularidades do público da EJA e para as dimensões extralinguísticas e paralinguísticas que compõem o encadeamento de estratégias de reflexão sobre esferas mais formais de uso da linguagem oral.

Palavras-chave: Marcuschi; gêneros orais; entrevista de emprego

Abstract: What contributions by Marcuschi can be observed when teachers deal with the oral genre? This concern drives this article, which is committed to analyzing how two teachers working in Young and Adult Education (EJA) plan/experience teaching the job interview genre. In order to achieve the objective, we held a conversation/sharing in a virtual environment, and from the recording, we highlighted extracts of speech that helped us understand, in a qualitative way, the theoretical contributions defended by the author on screen. The results highlighted the presence of Marcuschi, above all, in the understanding that the teachers highlighted in relation to the constitutive elements of the genre, its social function. Furthermore, there is attention when dealing with gender for the particularities of the EJA audience, for the extralinguistic and paralinguistic dimensions that make up the chain of reflection strategies on more formal spheres of oral language use.

Keywords: Marcuschi; oral genres; job interview

Introdução

Quais contribuições de Marcuschi podem ser observadas quando docentes que atuam na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) tratam com o gênero textual oral? Essa inquietação move este artigo, que compõe o Dossiê “Ensino de gêneros orais, práticas de oralidade e formação docente: uma homenagem a Luiz Antônio Marcuschi”. Ele é guiado pela compreensão do autor (Marcuschi, 2008, 2003, 2001, 1998, 1997) de que os gêneros orais se constituem como atividades socioculturais, maleáveis, dinâmicas e plásticas, materializadas na realidade sonora, por meio das quais os sujeitos interagem nos variados domínios discursivos. As produções teóricas de Marcuschi, conforme apresentam Bueno, Magalhães, Storto e Costa-Maciel (2024), auxiliam-nos a pensar sobre a oralidade, a análise de textos orais, a formação de professores/as e as práticas de ensino de língua na educação básica.

O caráter social dos gêneros, destacado por Marcuschi (2008), possibilita a compreensão dos contextos de produção e de recepção nos quais as atividades comunicativas ocorrem. Isso permite a análise dos conteúdos, das sequências textuais, das unidades linguísticas e das características específicas que compõem a textualidade a partir de um processo significativo, ampliando o repertório discursivo dos sujeitos, especialmente em esferas mais formais de uso da linguagem oral.

Na conjuntura da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), o ensino dos gêneros orais formais como instrumento de ampliação da inserção e da participação dos sujeitos na sociedade é uma demanda ainda mais significativa. Pois, a EJA constitui-se como uma modalidade de ensino formada por pessoas que trazem consigo uma complexidade de conhecimentos socioculturais (Bilro, 2023), geralmente estruturados a partir do oral, mas que precisam ampliar o uso desse saber em espaços mais formais como garantia e consolidação do seu direito como cidadãos/ãs (Costa-Maciel, 2023).

Essa compreensão ressalta a contribuição de um trabalho docente que promova não apenas o contato, mas o estudo sistemático de variados gêneros textuais orais, como objetos de ensino e aprendizagem autônomos. Práticas por meio das quais os/as professores/as mobilizem estratégias que contribuam para o desenvolvimento de saberes próprios da oralidade, os quais poderão ser mobilizados pelos sujeitos nas diversas situações de interação em que estejam participando e atuando.

Em busca de ampliar essa discussão, apresentamos como objetivo analisar como duas professoras em atuação na EJA planejam/vivenciam o ensino do gênero entrevista de emprego, no intuito de compreender quais contribuições de Marcuschi podem ser observadas quando as docentes tratam com o gênero oral. Para esse fim, tomamos encaminhamentos metodológicos que compreenderam um convite endereçado a professoras de Língua Portuguesa, formadas em Letras, que desejassem discutir sobre a entrevista de emprego na EJA. Duas docentes⁴, que chamamos de professora A e professora L, que, no momento da produção deste trabalho, atuavam em turmas do segundo segmento – anos finais da EJA de escolas da Mata Norte de Pernambuco, voluntariaram-se para partilhar suas experiências. Em tom de conversa, pela plataforma *Meet*, escutamos as docentes a respeito de seus planejamentos e vivências em relação ao ensino do gênero oral entrevista de emprego. Os dados do vídeo gravado foram transcritos e fragmentos de falas ilustrativas foram destacados e analisados sob o prisma qualitativo, em uma linha interacionista e interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008).

Este artigo é um convite ao prolongamento da discussão, por conseguinte, esperamos que a sua leitura fomenta o debate a respeito das contribuições de Marcuschi para a formação e atuação docente no ensino dos gêneros orais e, conseqüentemente, da oralidade. Estruturadas nesse desejo, organizamos esse artigo em três seções: inicialmente, tecemos algumas considerações com base nos pressupostos teóricos defendidos por Marcuschi para o ensino dos gêneros orais e agregamos outros teóricos para discutir a entrevista de emprego. Em seguida, analisamos um conjunto de dados, gerados a partir de relatos orais de docentes que atuam na EJA, sobre o trabalho com o gênero entrevista de emprego. Por fim, apresentamos algumas considerações que podem realçar as contribuições de Marcuschi nas práticas das professoras.

Fundamentação teórica

Nossa ancoragem teórica será alinhada com base em Marcuschi (2008), no que se refere à adoção do conceito de gênero textual, bem como à adoção do conceito de entrevista, uma vez que este artigo

⁴ Esta pesquisa foi realizada no âmbito dos trabalhos desenvolvidos pelo “Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino” - LABOR, aprovado pelo CEP, CAAE: 59809722.6.0000.5514.

analisa como duas docentes planejam/vivenciam o ensino do gênero entrevista de emprego, observando esse movimento a partir das contribuições de Marcuschi para esse trabalho com o gênero oral.

Os gêneros textuais orais/escritos/multimodais “são formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem” (Marcuschi, 2008, p.156). Eles são fenômenos históricos que surgem, renovam-se, ganham novas roupagens, ou até mesmo desaparecem, em função das necessidades e das atividades socioculturais, podendo, portanto, ser moldados de forma a adaptarem-se às diversas necessidades humanas. Para Marcuschi (2008, p. 187), existe “um saber social comum” em torno do qual os/as “falantes se orientam em suas decisões acerca do gênero de texto que estão produzindo ou que devem produzir em cada contexto comunicativo”.

Nesse sentido, Bronckart (1999) compreende os gêneros como megainstrumentos que permitem aos sujeitos agirem discursivamente nas variadas situações comunicativas a partir da mobilização de saberes que são construídos e elaborados através das interações que estabelecem com o outro, com os textos que ouvem, produzem e reproduzem nos contextos discursivos dos quais participam. Com isso, a nossa experiência discursiva e a concepção sobre os gêneros vão sendo elaboradas através das interações estabelecidas no uso cotidiano da linguagem.

Bakhtin (2011, p.274-275) ressalta que, apesar de grande parte das ações comunicativas ocorrerem instintivamente, “elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns e específicas, e antes de tudo limites absolutamente precisos” (grifos nossos). Essa compreensão revela a necessidade de um estudo sistemático sobre essas especificidades, por meio do qual os sujeitos possam aprender e mobilizar conscientemente os saberes essenciais à utilização dos diversos gêneros orais/escritos/multimodais.

No caso dos gêneros orais, definidos por Marcuschi (2001) como práticas de linguagem que se materializam na realidade sonora, o desenvolvimento desses saberes, atrelado à reflexão sobre os elementos extralinguísticos, paralinguísticos, cinésicos e linguísticos que os compõem, auxilia os sujeitos na compreensão do que se faz quando se produz um gênero oral e de que saberes precisam ser mobilizados, considerando o contexto de interação, os interlocutores, a função social do gênero, dentre outros aspectos próprios da realização linguística oral (Marcuschi, 1995).

Autores como Marcuschi (2007) e Schneuwly e Dolz (2004) destacam a importância do trabalho com os gêneros públicos formais como forma de ampliar o repertório discursivo dos sujeitos, possibilitando sua participação ativa em situações que demandam um maior controle, preparação e planejamento da fala. Por serem atividades organizadas a partir de convenções delimitadas e pré-estabelecidas, requerem uma ação consciente de compreensão de suas características, estrutura, contexto e funcionalidade, bem como de planejamento antes de sua produção/realização.

Entendemos que esse saber social também se aplica às modalidades/multissemioses nas quais esses gêneros são mobilizados. Na entrevista de emprego, por exemplo, se um/a candidato/a que almeja uma vaga ofertada por uma determinada empresa é chamado/a para se apresentar ao setor de Recursos Humanos (RH), certamente, entenderá que será submetido a uma entrevista, com toda a formalidade do gênero, ou a uma conversa/entrevista menos estruturada. Mas, mesmo assim, estará em processo seletivo. Ter o domínio de um gênero para o qual não somos ensinados em contextos informais, sobretudo quando nos referimos à população da EJA, em idade de (re)

inserção no mundo do trabalho, pode ser entendido com uma prática de formação para a ampliação da cidadania.

As docentes, cujas falas compõem este trabalho, revelam em suas partilhas, como veremos mais adiante, um compromisso com a função social da escola e com a garantia do direito da ampliação pelos/as estudantes do domínio do gênero textual entrevista de emprego. Esse gênero “é um dos mais antigos procedimentos para obtenção de dados e durante muito tempo foi o único modo de obtê-los [...], e continua a funcionar como fonte de informação [...]” (Lodi, 1971, p.89). Sua presença didática nas turmas da EJA atende a objetivos apresentados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Brasil, 1996) que visam à formação da população estudante, quando este documento afirma que “§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (Brasil, 1996, p.7).

Moratto, Storto e Barros (2020, p. 546) definem a entrevista de emprego/seleção como uma “interação dialogada construída por meio do par adjacente pergunta e resposta, cujo objetivo é obter informações sobre algo ou alguém, podendo o entrevistado falar acerca de si mesmo ou de outra pessoa”. Essa “conversação de natureza profissional” (Marconi; Lakatos, 2003, p.195) e assimétrica pode envolver um número variado de participantes, duas pessoas ou mais, e ser orientada por estilos e propósitos/finalidades distintos.

A tematização da entrevista de emprego deve considerar, além dos “aspectos extralinguísticos” (Cavalcante; Melo, 2006, p. 86), classificados por Araújo (2021, p. 101) em uma acepção de “Aspectos discursivos dos gêneros textuais”, tais como, intimidade dos/as participantes, participação emocional, proximidade física e a espontaneidade; os “aspectos paralinguístico e cinésicos” (Cavalcante; Melo, 2006, p. 86), identificados por Araújo (2021, p. 101) como aspectos acústicos, que compreendem o cuidado com a voz, elocução atitude corporal, gesto, mímica; e os “aspectos linguísticos” (Cavalcante; Melo, 2006, p. 86) ou “aspectos textuais dos gêneros orais” (Araújo, 2021, p. 101), que envolvem os marcadores conversacionais, repetições e parágrafos, correção, hesitações, digressões, expressões formuláicas, expressões prontas, atos de fala/estratégias de polidez.

As impressões construídas ao longo do processo seletivo podem interferir, diretamente, na avaliação do perfil profissional (Abrapp, 2018, p.11). Dessa forma, não basta dominar o conteúdo temático atrelado aos variados objetivos da entrevista em tela. É essencial ter uma preparação para a orquestração do conjunto de dimensões a serem mobilizadas em benefício do/a próprio/a entrevistado/a, ou seja, da contratação.

De certo, os/as estudantes da EJA já dispõem de competências discursivas e linguísticas, as quais permitem que eles/as se comuniquem e interajam nas relações sociais diárias de uso da fala. Entretanto, para ampliar o domínio da fala pública nos mais variados campos discursivos e consolidar o exercício da cidadania, é necessário que as atividades voltadas para o ensino da oralidade ultrapassem os muros escolares, de modo que esses jovens, adultos e idosos possam argumentar, expor, defender e expressar ideias e sua visão de mundo (Brasil, 1997; Belintane, 2000). Movimento que exige do/a professor/a o desenvolvimento de um trabalho direcionado e sistemático, que possibilite o trato com os gêneros orais, especialmente os formais públicos, não apenas como instrumentos de interação, mas como objetos de estudo em si.

Entrevista de emprego na prática docente: análise de dados

No contexto deste trabalho, as docentes teceram considerações a respeito de como planejam/vivenciam, no âmbito da EJA, o ensino do gênero entrevista de emprego. A entrevista é um gênero tipicamente desenvolvido por meio de perguntas e respostas. Com jogos de papéis sociais bem definidos, tal evento representa o encontro entre uma pessoa que assume o posto de entrevistador/a e outra de entrevistado/a (*expert*). Souza e Cristóvão (2015, p. 238) definem a entrevista de emprego como um instrumento avaliativo eficiente durante processos seletivos de contextos diversos, servindo de “controle sobre a vida das pessoas”. Esse olhar sobre o gênero parece se aplicar as duas professoras participantes desta investigação. Ambas vivenciaram a entrevista de emprego em suas turmas com vistas a colaborar para ampliação das práticas sociais e a (melhor) inserção dos/as estudantes no mundo do trabalho, conforme apregoa a Lei de Diretrizes da Educação Nacional (Brasil, 1996).

Vejamos a seguir as considerações das professoras a respeito de suas experiências com a entrevista de emprego em turmas de EJA. Ao falar de sua prática, a professora A diz:

Eu passei uma entrevista pra eles e a entrevista era como os alunos da EJA estão conseguindo ingressar no mercado de trabalho. [...] primeiro eu passei esse vídeo, daí eu perguntei: “Isso aqui que a gente acabou de ver é o quê?”. Então, eu fiquei muito contente que a maioria disse: “Isso aqui é uma entrevista, professora”. Então, eles sabem o que é aquilo, eles conhecem, eles sabem que é uma entrevista. (Prof^a. A, 3^a e 4^a fase do Ensino Fundamental da EJA)

A prática acima ajuda-nos a perceber algumas estratégias mobilizadas pela docente com a entrevista de emprego, dentre elas: a) apresentação de um exemplo de entrevista realizada em contexto real de produção; b) resgate de conhecimentos prévios a respeito da atividade comunicativa; c) identificação do gênero e de suas características por meio de questionamentos que possibilitava a reflexão sobre a entrevista.

Todo esse movimento inicial foi antecedido por um trabalho sistemático com o gênero entrevista, conforme é revelado pela docente no seguinte trecho:

Eu já havia pedido: “Gente, vamos fazer uma entrevista”. E perguntei qual era o tema que eles gostariam de saber mais informações. Eles disseram assim: “Professora, a gente queria saber como é que o povo está estudando pra ter aulas remotas, se o povo está estudando.”. Aí eu disse: “Por que vocês querem fazer isso?”. E eles responderam: “Porque a gente não tá conseguindo, tá muito difícil”. (Prof^a. A, 3^a e 4^a fase do Ensino Fundamental da EJA)

A fala da professora revela uma proposta de produção do gênero seguida de questionamentos que favorecem aos/às estudantes a reflexão e seleção, por exemplo, de um conteúdo temático adequado ao contexto de produção em que a entrevista estava sendo vivenciada. Marcuschi (2008) em diálogo com Bakhtin (2011) ajuda-nos a entender que o conteúdo temático constitui uma das três dimensões dos gêneros, somadas ao estilo e a construção composicional. “Todos esses três elementos [...] estão indissolivelmente ligados no topo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de

um determinado campo da comunicação.” (Bakhtin, 2011, p. 261). A escolha do conteúdo temático da entrevista, que seria realizada posteriormente, partiu de uma demanda apresentada pelos/as próprios/as estudantes. Eles/as queriam saber como as pessoas estavam lidando com a escola na pandemia. Ao prosseguir, a professora A lança mais uma vez perguntas que envolvem a turma no processo de compreensão e reflexão acerca da etapa de seleção dos/as entrevistados/as, como veremos a seguir:

Eu disse: “Então vamos entrevistar as pessoas pra saber como é que elas estão lidando com a escola na pandemia”. [...] Eu disse: “Vocês acham que quem poderia responder sobre isso? Que pessoas vocês escolheriam pra entrevistar?”. Aí eles disseram que seria o professor e que queriam saber o que os professores têm a dizer. Aí eu disse: “Mas vocês estão dizendo que vocês estão com dificuldade de aprender remoto. É os professores que vão responder isso a vocês? Aí eles falaram que poderia ser também os colegas. Então eles fizeram cinco questões para professores e alunos. Eles escolheriam, fariam a entrevista e mandariam os áudios pra mim. Eles não transcreveram, eles mandaram os áudios pra mim. (Prof^a. A, 3^a e 4^a fase do Ensino Fundamental da EJA)

Observamos que outra dimensão do gênero entrevista é evidenciada na experiência da docente que antecede a proposta de entrevista de emprego. Ela discute com os/as estudantes a respeito dos papéis sociais, ou seja, da definição de quem será o/a entrevistado/a e para quem serão endereçadas as perguntas e as respostas típicas da natureza do gênero (Urbano *et al.*, 1996, p.84). O critério estabelecido por essa natureza diz respeito ao chamamento de pessoas que tenham conhecimento e vivência prática acerca do tema escolhido, não caberia, portanto, ser entrevistado qualquer indivíduo, mesmo que este tivesse uma representatividade de destaque no âmbito escolar, como era o caso dos/as professores/as que a turma queria entrevistar exclusivamente.

No passo seguinte para o trato com a entrevista, os/as estudantes seguiram para a etapa de elaboração das questões e para a realização da entrevista oral. Nesse movimento, a professora A cede espaço para que os/as estudantes pudessem se organizar e produzir, oralmente, um conjunto de perguntas para as entrevistas, as quais, foram partilhadas posteriormente com a docente por meio de áudios no *whatsapp*. Vemos, assim, um planejamento de um gênero oral, tendencialmente formal, sendo planejado oralmente para ser realizado na mesma modalidade. É um ciclo de ações que oportuniza ao grupo-sala entender que as produções orais podem ser pensadas, também, dentro de uma dinâmica que envolve, oralidade, planejamento e realização.

No contexto da EJA, a produção de perguntas para serem feitas aos/às entrevistados/as nos ajuda a pensar na necessidade de entender como os gêneros funcionam, ainda que em um contexto ficcional (Schneuwly; Dolz, 2004). Segundo Lima, Mariano e Xavier (2021, p. 201), “acreditar que os gêneros podem simplesmente entrar na escola tal como se realizam fora dela é negligenciar as especificidades e as peculiaridades inerentes a essa instância educacional”. Essa compreensão revela a necessidade do/a docente assumir um papel ativo na formulação de propósitos, de objetivos e de meios didáticos que possibilitem aos/às estudantes desenvolverem e ampliarem capacidades de linguagem essenciais à realização do gênero estudado, o qual, no contexto escolar, deixa de ser apenas instrumento de comunicação e passa a assumir, também, o papel de objeto de ensino e de aprendizagem.

Após o relato inicial, a professora A nos apresenta outros elementos que foram envolvidos em sua prática para tratar da entrevista de emprego:

a gente está começando a abordar a entrevista de emprego. Tem dois alunos que trabalham (em uma indústria de fabricação de automóvel), eles são do setor de recursos humanos e eles são os entrevistadores, porque eles já ficam ali naquele meio. A gente faz uma entrevista por semana com o pessoal que se disponibiliza, porque é na frente dos outros. [...] Ontem eu tive aula com eles e teve uma entrevista. Eles fazem as perguntas que eles escutam lá onde eles trabalham [...] eu achei mais interessante porque não sou eu que estou conduzindo a entrevista. Talvez eu não saberia fazer as perguntas porque eu nunca passei por uma entrevista de emprego. Então talvez eu não saberia o que acontece nessas entrevistas de emprego. E esses dois meninos eles trabalham lá e sabem. Eles fazem perguntas bastante pertinentes e interessantes. [...] Um desses alunos trabalha nos recursos humanos, mas é nos serviços gerais. Ele diz que às vezes fica lá dentro limpando as coisas e ele escuta, ele diz que é isso que se pergunta. Eles ficam muito empoderados, porque você já imaginou eles na condição de entrevistadores e fora assim a oralidade, né? Ele se sente. Então, os meninos que estão na função dos entrevistadores começam a se sentir, começam a falar bem bonito, bem elegante, vem com uma roupa diferente. (Prof.^a A, 3^a e 4^a fase do Ensino Fundamental da EJA, parêntese nosso)

Na prática acima, observamos que a docente inicia o trabalho com a entrevista de emprego por meio das experiências vivenciadas por alguns/as alunos/as que trabalham no setor de recursos humanos de uma empresa, na função de serviço geral. Percebemos que ela utiliza a estratégia de resgatar e valorizar os conhecimentos trazidos por esses sujeitos dos contextos que participam como meio para inseri-los na prática que será desenvolvida. De acordo com a docente, o fato de esses/as estudantes terem contato, mesmo que indiretamente, com vários dos elementos característicos da situação comunicativa em que ocorre uma entrevista de emprego, possibilita que tenham uma maior compreensão de quais saberes serão necessários para sua realização e que possam partilhar esses conhecimentos junto aos/às seus/suas colegas de sala e à professora.

Devido a isso, vemos que, na prática de sala de aula, estes/as estudantes são chamados a assumirem o papel social de entrevistadores/as, empoderando-se desse lugar, da postura e da linguagem necessária, lançando perguntas aos/às demais colegas que estão na função de entrevistados/as. Esse movimento, segundo Della Mía e Pereira (2019), contribui para que os/as alunos/as, ao se verem diante de uma entrevista de emprego real, consigam se antecipar à estrutura desse gênero (que é padronizada) e mobilizar os conhecimentos necessários à realização e participação nessa situação comunicativa, obtendo, assim, êxito.

Outro elemento observado na fala da docente está atrelado a uma mudança na postura desses/as estudantes a partir do momento que passam a participar mais ativamente e de maneira autônoma da situação comunicativa apresentada, que se reflete não só na construção dos conhecimentos relativos ao gênero oral entrevista de emprego, mas na forma como se sentem, na variedade falada, na maneira de se vestir e se portar, como vemos na seguinte fala da professora A: “os meninos que estão na função dos entrevistadores começam a se sentir, começam a falar bem bonito, bem elegante, vem com uma roupa diferente.”. Percebemos nesse trecho que esta “simulação” contribui para que esses sujeitos produzam

seus enunciados de acordo com seus propósitos comunicativos, através de um movimento que os insere no uso da língua de maneira situada sócio-historicamente (Bronckart, 2007), tendo clareza das relações estabelecidas entre o/a entrevistado/a e o entrevistador/a, que se dá a partir de uma relação formal e assimétrica de poder (Marcuschi, 2001; Moratto; Storto, 2019; Moratto; Storto; Barros, 2020).

Tecendo os fios a partir da escuta da vivência das docentes, passemos a refletir sobre a prática da professora L. Esta docente revela seu interesse em trabalhar com a entrevista de emprego, especificamente, por se tratar de turmas da EJA: “No caso específico da EJA, eu gosto de trabalhar entrevista mais focada na questão de trabalho”. Ela parece considerar que o referido gênero é mais significativo para os/as estudantes da EJA, tendo em vista a possibilidade da abordagem da temática do trabalho, que mais uma vez aparece como um elemento de destaque no contexto dessa modalidade de ensino.

A professora L lança um conjunto de estratégias que podem ser mobilizadas no desenvolvimento do ensino do gênero:

a gente poderia dividir a turma, suponhamos em duas equipes, uma equipe seria os empresários e as outras equipes seriam as pessoas que estão procurando trabalho. [...] Quais perguntas poderiam ser feitas? Quais respostas poderiam ser dadas? [...] Eu poderia perguntar a eles quem já passou por uma entrevista de trabalho ou quem já viu esse tipo de entrevista. [...] mostrar que não existe apenas um tipo de entrevista ou não existe apenas a entrevista de trabalho. Mas, pra que eles entendam que as perguntas que são direcionadas na entrevista têm um objetivo central [...] Eles sempre falam que fizeram isso há um tempo, eles sempre falam que ficam nervosos, que não conseguem falar, que pensam um monte de coisa e na hora não sai as respostas. [...] Daí a gente poderia trabalhar esse tipo de resposta, esse tipo de pergunta que podem ser feitas. E aí a gente trabalha a questão da entonação, da postura de voz, do posicionamento, de como vai ser falado, de como vai ser respondido. (Prof^a. Lia, 3^a e 4^a fase do Ensino Fundamental da EJA)

No exemplo acima, percebemos estratégias que envolvem uma organização do ponto de vista metodológico, dividir a turma em grupos, e da natureza da entrevista de emprego, que diz respeito às funções de empregadores/as e candidatos/as a vaga de emprego. Compreendendo as proposições de Marcuschi (2001), a professora destaca algumas dimensões ensináveis da oralidade ligadas a elementos extralinguísticos, paralinguísticos e cinésicos, como a entonação, a voz, o posicionamento, o como falar as informações solicitadas, contribuindo para que os/as estudantes identifiquem e compreendam o que se faz e quais elementos devem mobilizar ao produzirem um gênero oral (Marcuschi, 1995; Della Méa; Pereira, 2019; Moratto; Storto; Barros, 2020).

Nesse processo, a professora L propõe o lançamento de questões que possibilitariam refletir, junto com os/as estudantes, sobre as possíveis perguntas e respostas, ações que organizam textualmente a entrevista de emprego, que poderiam surgir no contexto da realização desse gênero oral, bem como resgatar experiências anteriores de participação ou observação dessa situação comunicativa. Vemos que esta professora utiliza a estratégia de lançar questões em busca de envolver os sujeitos na atividade e de mobilizar seus conhecimentos prévios acerca da organização da entrevista de emprego. O que, a nosso ver, pode contribuir para a construção de saberes relacionados aos elementos que compõem esse gênero oral, como a sua estrutura composicional e o seu conteúdo temático, de uma forma interativa e contextualizada.

De acordo com a professora L, o levantamento desses conhecimentos seria importante para que os/as estudantes identificassem que existem mais de um tipo de entrevista, ampliando, assim, seu repertório comunicativo; e para que refletissem sobre os desafios enfrentados diante dessa prática comunicativa comum a muitos deles/as. Ao trazer esses objetivos para a atividade, a docente destaca a necessidade de compreendermos e de trabalharmos, junto aos/às alunos/as, a plasticidade e flexibilidade, como defende Marcuschi (2008), apresentada por gêneros como a entrevista, que, mesmo tendo em comum formas características (perguntas e respostas), pode variar em estilo e propósitos comunicativos, originando, assim, tipos diferentes de entrevista (Hoffnagel, 2010; Moratto; Storto; Barros, 2020).

Em seguida, L traz outros aspectos que poderiam ser trabalhados através dessa proposta. De acordo com ela, é importante

Trabalhar sim a estrutura de gênero, o que é uma entrevista, quais as características dela [...]. E aí a gente começa esse debate do que é uma entrevista, porque fazê-la e quais os ambientes que elas podem estar, que grau ela pode ter, enfim. [...] A gente poderia trazer sim uma entrevista de trabalho, pronta ou digitada, pra eles fazerem. Ou a gente poderia fazer discussões, simulações em sala, construção de empresa e empregado [...] depois, se quiserem produzir o processo escrito, a gente poderia fazer. Mas não sei se seria o foco central. Eu focaria mais na questão da oralidade mesmo, na questão da expressão, da fala, da postura, das palavras corretas, dos verbos conjugados de maneira correta. Todos esses processos que são muito importantes pra uma entrevista. (Prof^a. L, 3^a e 4^a fase do Ensino Fundamental da EJA).

A fala desta docente ajuda-nos a enxergar a consciência das características próprias do gênero oral em questão, especialmente, aquelas relacionadas a sua estrutura e à situação comunicativa em que se materializa. Além disso, a professora L propõe um trabalho de reflexão e compreensão acerca do objetivo comunicativo dessa produção, do contexto social e discursivo em que circula e da formalidade que essa prática exige.

Outras estratégias aparecem na fala da professora que podem contribuir para a realização desse trabalho, como a apresentação de uma entrevista de emprego escrita, na qual os/as estudantes pudessem ler as perguntas e respondê-las; e a proposição de discussões e simulações do gênero que poderiam culminar na construção e vivência das relações estabelecidas entre empresas e empregados/as. Esse dinâmica parece revelar a preocupação não só em apresentar a turma elementos constitutivos da entrevista de emprego, mas possibilitar a sua compreensão em situações práticas, nas quais eles/as possam mobilizar e aplicar o conhecimento trabalhado (Marcuschi, 2005). Com isso, favorece aos/às estudantes entenderem como se dá o agir humano, através do uso dos gêneros como instrumento de interação e participação social (Magalhães; Mattos, 2021).

Além de observar elementos atrelados à natureza do gênero, a professora L traz em sua fala questões orais envoltas no movimento de produção da entrevista de emprego, que são indispensáveis ao processo de reflexão, elaboração, construção e avaliação do gênero, ou seja, aqueles voltados ao estudo da expressão, da fala, da postura e do uso da variedade padrão. Parece haver a compreensão de que o oral, enquanto objeto, pode ser concebido de forma autônoma. Essa postura não isola na prática docente as tessituras com a escrita, como ela revela ao trazer para a conversa a possibilidade de explorar o roteiro da entrevista de emprego oralmente e também por escrito: “depois, se quiserem produzir o processo escrito, a gente poderia fazer” (Prof^a. L, 3^a e 4^a fase do Ensino Fundamental da EJA). Sua

partilha destaca a importância de entendermos as inter-relações entre as modalidades oral e escrita da língua, a partir de um olhar de complementaridade, no qual “não sejam consideradas estanques nem contrapostas, já que atendem aos interesses comunicativos diversos nas atividades coletivas de linguagem.” (Marcuschi, 2001; Magalhães; Mattos, 2021, p. 225).

Considerações finais

No contexto deste trabalho, analisamos as considerações de duas docentes, em atuação na EJA, a respeito de como planejam/vivenciam o ensino do gênero entrevista de emprego, buscando compreender as possíveis contribuições de Marcuschi para o trato com o gênero em tela.

No tear da análise, podemos observar que vários dos pressupostos do autor marcam a fala das professoras, sobretudo quando são instadas a partilhar as suas práticas ou possíveis encaminhamentos para o trabalho com o gênero oral. Os resultados evidenciaram a presença de Marcuschi, sobretudo, na compreensão que as professoras revelam em relação aos elementos constitutivos do gênero e sua função social, com a atenção para as particularidades do público da EJA. Em ambos os relatos, vemos a atenção para os aspectos extralinguísticos ligados à quantidade de participantes da entrevista de emprego; aspectos paralinguísticos e cinésicos referentes ao uso da voz e dos movimentos corporais. São destacados, portanto, fenômenos que, em uma proposta destinada à oralidade, contribuem para que o/a estudante identifique o que pode ser feito na produção de um gênero oral que demanda maior planejamento/preparação para a produção.

Em síntese, vemos o quanto a militância de Marcuschi em torno do ensino dos gêneros orais e da oralidade ganha evidências no fazer e no agir das professoras que integraram essa pesquisa. O que nos parece animador, ainda que nos aponte um longo caminho a ser trilhado com vistas a maior projeção dos gêneros orais em sala de aula.

Referências

ABRAPP - Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar. Comissão Técnica Nacional de Recursos Humanos e Comissão Técnica Regional Sudeste de Recursos Humanos. *Guia de recrutamento e seleção de pessoal*. maio/2018. 36p. Disponível em: <https://www.funprespjud.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Guia-de-Recrutamento-e-Selecao-de-Pessoal.pdf> Acesso em: jan. 2024.

ARAÚJO, F. B. de S. 2021. *A oralidade entre o prescrito e o possível: a modalidade oral no currículo e na prática de docentes de língua portuguesa do ensino médio da rede estadual de Pernambuco*. Recife-PE. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, 277p.

BAKHTIN, M. 2011. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 230p.

BELINTANE, C. 2000. Linguagem oral na escola em tempos de rede. *Educação e Pesquisa*, vol. 26, nº1, jun., p. 53-65. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022000000100004>.

BILRO, F. K. da S. 2023. *Gêneros orais nos livros didáticos e na prática docente: investigações sobre as proposições e o ensino no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos*. Recife-PE. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 188p.

BORTONI-RICARDO, S. M. 2008. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 136p.

BRASIL. 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei 9.394, 20/12/1996*. Brasília, 64p.

BRASIL. 1997. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 107p.*

BRONCKART, J. P. 1999. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 354p.

BRONCKART, J. P. 2007. A atividade de linguagem frente à língua: homenagem a Ferdinand de Saussure. In: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. *O interacionismo socio-discursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 19-42.

BUENO, L.; MAGALHÃES, T.; STORTO, L.; COSTA-MACIEL, D. 2024. Análises de gêneros orais: tecendo articulações a partir de Marcuschi, Dolz e Schneuwly. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 24, p. 1-18. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-24-41> .

COSTA-MACIEL, D. A. G. 2023. *Oralidade nas obras “EJA Moderna” e “Viver, Aprender”*: tecendo fios no trato com os gêneros orais formais. Recife-PE. Tese (Livre Docente) – Universidade de Pernambuco-UPE, 137p.

CAVALCANTE, M. C. B.; MELO, C. T. V. 2006. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (org). *Português no ensino médio e a formação do professor*. São Paulo: Parábola Editora, p.181-198.

DELLA-MÉA, C. H. P.; PEREIRA, C. A. L. 2019. O gênero oral entrevista radiofônica em situações de ensino e aprendizagem: práticas de avaliação. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas.*, v. 20, n. 2, p. 196-200. DOI: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2019v20n2p196-200>.

HOFFNAGEL, J. C. 2010. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, p.195-208.

MORATTO, J.; STORTO, L. J. 2019. Ensino da oralidade por meio do gênero textual/discursivo entrevista de seleção: relato da implementação de uma sequência de atividades. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 22, n. 1, p. 114-140. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2019v22n1p114>

LIMA, G.; MARIANO, R. C. S.; XAVIER, W. P. 2021. Produção de material didático para o ensino do oral: desafios e possibilidades na formação inicial de professores. In: MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. (Orgs.) *Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, p.199-220.

LODI, J. B. 1971. *A entrevista: teoria e prática*. São Paulo: Pioneira, 176p.

MAGALHÃES, T. G.; MATTOS, P. S. 2021. Oralidade e formação de professores(as): propostas e desafios na mobilização de capacidades docentes para o agir profissional. In: MAGALHÃES, T. G.;

BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. da (Orgs.). *Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, p.221-254.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, p. 311.

MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola, 296p.

MARCUSCHI, L. A. 2007. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-38.

MARCUSCHI, L. A. 2005. Compreensão de textos: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, A. & BEZERRA, M. A. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 48-61.

MARCUSCHI, L. A. 2003. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 96p.

MARCUSCHI, L. A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 133p.

MARCUSCHI, L. A. 1998. Nove Teses para uma Reflexão sobre a Valorização da fala no Ensino de Língua (A propósito dos “Parâmetros Curriculares no Ensino de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª série do 1º Grau Menor”). *Revista da ANPOLL*, [S. l.], v. 1, n. 4. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i4.284>.

MARCUSCHI, L. A. 1997. Oralidade e escrita. *Signótica*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119-145. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v9i1.7396>.

MARCUSCHI, L. A. 1995. Oralidade e Escrita. Comunicação apresentada na conferência de abertura no II ENCONTRO FRANCO BRASILEIRO DE ENSINO DE LÍNGUA. Natal.

MORATTO, J.; STORTO, L. J.; BARROS, E. M. D. de. 2020. Gênero discursivo oral entrevista de seleção: elementos ensináveis para transposição didática e proposta de atividade. *Letras*, Santa Maria, Especial, 2020, n. 01, p. 543-564. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148539567> .

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. 2004. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Gláís Sales Cordeiro e Roxane Rojo Helena Rodrigues. Campinas, SP: Mercado das Letras, 229p.

SOUZA, K. A.; CRISTOVÃO, V. L. L. 2015. O gênero textual “entrevista de emprego”: suas características na esfera acadêmica visando a escolas de idioma. In: BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. *Gêneros orais no ensino*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 229-276.

URBANO, H. et al.1996. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado*. V. 3: As Abordagens Campinas: Unicamp/FAPESP, p. 75–98.

Submetido: 15/09/2024

Aceito: 16/11/2024